

## ENCONTRO COM A COMUNIDADE AÇORIANA E AÇOR-DESCENDENTE DE SANTA CATARINA

Brasil, Florianópolis, 19 de abril de 2018

### *Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro*

Há uma expressão que, por vezes, é utilizada por mim nas intervenções que faço nos Açores. E essa expressão é: ‘Açorianos de nascimento e Açorianos de coração’.

Quando utilizo essa expressão, confesso-vos que me refiro normalmente àqueles que foram viver para os Açores, embora não nascessem nos Açores, e que lá estão e que partilham connosco o espaço e o sentimento também de presença a uma comunidade.

Por que razão é que eu estou a falar nisso? Pela simples razão de que, a partir desta visita, a partir destes momentos que passei convosco, há um outro sentido para a expressão ‘Açorianos de coração’, que são aqueles que não nasceram nos Açores, não vivem nos Açores, em alguns casos, nunca visitaram os Açores, mas sentem a Açorianidade, sentem o ser Açoriano de uma forma muito intensa. Desde logo, os Açorianos de Santa Catarina.

Digo-vos isso porque, para mim, esta visita, estes dias que tenho passado convosco e que estão já a caminhar para o fim, têm sido muito intensos, até do ponto de vista do sentimento.

Esta não é uma visita, diria, normal de um Presidente do Governo ou uma visita minha como Presidente do Governo às comunidades açorianas. Esta é uma visita que tem muitas particularidades.

A primeira destas particularidades é a ocasião que me traz aqui, os 270 anos da chegada dos primeiros Açorianos ao Estado de Santa Catarina, à ilha de Santa Catarina.

Por vezes, pode haver a tendência de, quando falamos em comunidades açorianas, nos limitarmos apenas àqueles que são mais presentes, mais atuais. Pois muito bem, aqui se demonstra que a emigração açoriana não começou apenas no século XIX, não começou apenas no século XX, não foi apenas para a América do Norte. Começa alguns anos antes e vem para aqui, para já não falar, obviamente, de outras circunstâncias, mas é isto que agora aqui nos reúne.

Particularidade desta visita também revelante é o facto de eu ter o gosto e a honra de ser acompanhado nesta deslocação, para além de um membro do Governo, o doutor Rui Bettencourt, por deputados na Assembleia Legislativa dos Açores que representam vários partidos: o deputado José San-Bento, do Partido Socialista, o deputado António Marinho, do Partido Social-Democrata, e o deputado Alonso Miguel, do CDS-Partido Popular.

Também o facto desta visita contar com a presença dos Presidentes das Câmaras Municipais açorianas que são geminadas com Florianópolis: Álamo Meneses, de Angra

do Heroísmo, José Manuel Bolieiro, de Ponta Delgada, e Tibério Dinis, da Praia da Vitória.

As palavras da minha parte não são suficientes para vos dar conta daquilo que eu sinto no final destes três dias. Sinto como se tivesse descoberto um mundo novo ou, dito de outra forma, sinto-me como se tivesse descoberto primos que não sabiam que eram meus primos, parentes que não sabia que eram meus parentes, mas que, afinal, são.

É um sentimento avassalador pensar naquilo que significou, há 270 anos, a vinda dos Açorianos aqui para Santa Catarina. Ainda hoje, na Igreja de Ribeirão, na ilha de Nossa Senhora da Lapa, eu estava em frente ao altar-mor e aquilo que me ocorria era um pensamento muito simples: quantas e quantas lágrimas não devem ter sido choradas frente àquele altar? De saudade, de angústia por estarem num território que não conheciam, e imaginar a força que é preciso ter para, depois de chorar, levantar, virar costas e enfrentar novamente essa tarefa de ajudar a construir, de ajudar a erguer, de lutar pela vida, lutar pelo futuro, lutar pela família.

Isso é algo de uma força e de uma dimensão que, hoje em dia, com todas as facilidades do mundo moderno, porventura não nos apercebamos à primeira, mas é algo de muito poderoso e isso quer dizer muito da fibra e da tempera daqueles que aqui chegaram e que são os nossos antepassados.

Termino recorrendo a uma frase que já ouvi em diversas circunstâncias, que, para mim, traduz na perfeição aquilo que se vive em Santa Catarina: ‘Nós podemos tirar um homem, um Açoriano, dos Açores, mas nunca conseguimos tirar os Açores do coração de um homem’.

As minhas amigas e os meus amigos são o testemunho de que isso é assim.

Viva Santa Catarina! Viva os Açores! Muito obrigado.